

PROVA DE LITERATURA BRASILEIRA

Instruções: Para responder às questões 1, 2 e 3, leia o texto abaixo.

Considerado por muitos críticos como o maior poeta do Modernismo, Manuel Bandeira paga tributo a sua formação parnasiana e simbolista. Contudo, sua relação com a tradição não é de cópia ou servilismo, mas de reinvenção e criação. Bandeira, partindo dos fatos do dia-a-dia, transforma-os em profundo lirismo, estabelecendo uma tensão entre o corriqueiro, o banal, e aquilo que se esconde por trás de tal prosaísmo. Retomando dicções de poéticas anteriores, em poemas como “Os Sapos”, Bandeira assume a crítica ao Parnasianismo: *“Brada em assomo/ o sapo-tanoeiro:/ - A grande arte é como/ Lavor de joalheiro”*.

Em vários versos das “Sextilhas Românticas” o poeta dialoga com renomados escritores da Literatura Brasileira: *“Exibo, sem evasiva,/ A alma ruim que Deus me deu./ Decorei ‘Amor e medo’,/ ‘No Lar’, ‘Meus Oito Anos’... Viva!”* e, igualmente, na estrofe seguinte: *“Sou assim, por vício inato./ Ainda hoje gosto de Diva./ Nem não posso renegar/ Peri tão pouco índio, é fato,/ Mas tão brasileiro...Viva,/”*

Há uma “Balada” significativa que Bandeira dedica a um poeta, seu amigo, da qual fazem parte os seguintes versos: *“Como é fazendeiro do ar,/ o obscuro enigma dos astros/ Intuí, capta em claro enigma./ Claro, alto e raro. De resto/ Ponteia em viola de bolso!”*.

A aversão ao bom gosto canônico e o tom irônico e paródico, típico de muitos poemas de Manuel Bandeira, fica patente no poema “Teresa”, uma clara alusão ao consagrado “O Adeus de Teresa”. No seu “Teresa”, Bandeira diz: *“A primeira vez que vi Teresa/ Achei que ela tinha pernas estúpidas/ Achei também que a cara parecia uma perna/ Quando vi Teresa de novo/ Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo/ (Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)”*.

Contudo, se o diálogo com poemas de outros poetas aparece nos textos de Bandeira, outro diálogo pode ser evidenciado: aquele que, metapoeticamente, debruça-se sobre o próprio texto, como ilustram os versos da “Última Canção do Beco”: *“Beco que cantei num dístico/ Cheio de elipses mentais,/ Beco das minhas tristezas,/ Das minhas perplexidades/ (Mas também dos meus amores,/ Dos meus beijos, dos meus sonhos),/ Adeus para nunca mais!”*. E, na quarta estrofe deste poema, o poeta revela-se: *“Beco das minhas tristezas./ Não me envergonhei de ti!/ Foste rua de mulheres?/ Todas são filhas de Deus!/ Dantes foram carmelitas.../ E eras só de pobres quando,/ Pobre, vim morar aqui”*.

11- Com base no texto acima, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- (01) A expressão “sapo-tanoeiro” – no 1º parágrafo – faz alusão ao poeta parnasiano Olavo Bilac.
- (02) “Amor e Medo”, “No Lar” e “Meus Oito Anos” – 2º parágrafo – são poemas românticos de Casimiro de Abreu.
- (04) O índio “Peri” – 2º parágrafo – refere-se à criação mítico-literária “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias.
- (08) “Diva” – 2º parágrafo – diz respeito a um romance escrito por José de Alencar.
- (16) A “Balada” – 3º parágrafo – é dedicada ao seu grande amigo, autor de *Macunaíma*, Mário de Andrade.
- (32) No 3º parágrafo, há uma referência explícita a obras do poeta Carlos Drummond de Andrade.
- (64) Apesar da crítica ao rigor formal dos parnasianos, nas quadras que compõem “Os Sapos” há rimas paralelas e versos decassílabos.

12- Tendo em vista o poema “Teresa”, de Manuel Bandeira, aludido no 4º parágrafo do texto acima, assinale a(s) alternativa(s) procedente(s).

- (01) O poema “Teresa”, extraído da obra *A cinza das horas*, revela influências poéticas anteriores, principalmente, do Barroco e do Romantismo.
- (02) O poeta brinca, ironicamente, com o poema romântico de Castro Alves, “O Adeus de Teresa”.
- (04) O poema revela o amadurecimento estético do poeta, conquistado a partir de *Libertinagem*, evidenciando o uso do ritmo, apesar do emprego dos versos livres.
- (08) A consciência de trabalho, em Manuel Bandeira, demonstra a preocupação com a forma, o rebuscamento do léxico, a linguagem culta e a valorização da arte pela arte.
- (16) No poema “Teresa”, Bandeira faz uso do verso livre, de formas coloquiais e prosaicas, transgredindo os preceitos rítmicos longamente consagrados.
- (32) A ironia demonstrada com a alusão ao poema “O Adeus de Teresa” caracteriza uma técnica romântica, retomada pelo Concretismo.

13- Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) tendo em vista o que está colocado no 5º parágrafo do texto.

- (01) As duas estrofes do poema constituem sétimas, formadas por versos de estrutura bem popular: as redondilhas maiores.
- (02) A atitude presente no tom com que o poeta se dirige ao beco denota uma revolta incontida pelo passado opressor.
- (04) A pobreza do beco e a presença de mulheres indesejáveis são lembranças que o poeta deseja esquecer para sempre.
- (08) O poder evocador de uma infância triste e oprimida nas favelas cariocas justifica o tom amargo da “Última Canção do Beco”.
- (16) O “dístico” a que o poeta faz referência é: “*Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!// Passei a via à toa, à toa...*”.
- (32) A personificação do beco, associada à vida do poeta, é representada através de imagens antitéticas.
- (64) O “dístico cheio de elipses mentais”, a que o poeta faz referência, é o seguinte: “*Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?/ O que eu vejo é o beco!*”.

14- Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) tendo em vista o que segue.

Entre os episódios presentes em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, confirmando a presença da ironia machadiana, destacam-se aqueles em que o narrador mantém algum tipo de relacionamento com as mulheres, conforme os excertos: (...) *amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos*” e (...) *olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio*”.

Os excertos acima correspondem, respectivamente, às seguintes personagens:

- (01) Virgília e Capitu
- (02) Marcela e Virgília
- (04) Eulália e Virgília
- (08) Marcela e Eugênia
- (16) Os dois referem-se à Virgília
- (32) Eugênia e Sabina

15- Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) tendo em vista o que segue.

Uma das *preocupações* de Brás Cubas – metaforizada em flor, conforme o fragmento abaixo – foi a fabricação de um emplasto que curasse a humanidade de seus males psíquicos (a hipocondria). “E foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam em pequeno, para eu andar depressa, e a flor da hipocondria recolheu-se ao botão para deixar a outra flor menos amarela e nada mórbida (...) o emplasto Brás Cubas”.

A que tipo(s) de idéia(s) tal preocupação está intimamente vinculada?

- (01) Ao medo da morte.
- (02) À tendência para o humanismo.
- (04) Ao amor da nomeada.
- (08) Ao horror à ociosidade.
- (16) Ao desejo de glória.
- (32) À defesa dos necessitados.
- (64) À zombaria da medicina preventiva.

16- Com base na leitura do romance *Iracema*, de José de Alencar, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- (01) No primeiro encontro, Iracema desfere uma rápida flecha que atinge o rosto do guerreiro branco Martim Soares Moreno.
- (02) De acordo com os costumes indígenas, Iracema, a filha de Araken, deve manter-se virgem enquanto for a detentora do segredo da jurema.
- (04) Objetivando confirmar a legitimidade de nossas raízes americanas, Alencar criou o mundo poético e heróico de nossa nacionalidade, com uma base mais lendária do que histórica.
- (08) Na obra, os índios aparecem em função dos brancos, como vítimas do sistema colonizador dos Jesuítas.
- (16) A dicção mista de verso e prosa e a brasilidade do discurso pretendida nas figuras e imagens caracterizam a postura romântico-inovadora de José de Alencar.
- (32) Apesar da tentativa de conferir heroísmo e dignidade aos índios, em *Iracema* estes são vistos como figurantes passivos dos primeiros séculos da vida brasileira.
- (64) O fato de Moacir ser levado para longe da sua terra natal é um elemento indicador do processo de destruição cultural que se abaterá sobre os índios, ao entraram em contato com os colonizadores.

17- Tendo em vista o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- (01) O romance é narrado em primeira pessoa, por Luís da Silva, um narrador perturbado e ainda convalescente de uma profunda crise.
- (02) A narrativa, organizada a partir das memórias do narrador, mescla fatos presentes e episódios de distintos momentos de seu passado.
- (04) A crise que acometera Luís da Silva tem início quando ele encontra sua esposa Marina na cama, com seu melhor amigo, Julião Tavares, e o mata.
- (08) Luís da Silva, enquanto viaja de bonde do centro da cidade para a periferia, vai recordando episódios de vários momentos de seu passado, até chegar às lembranças de sua infância na

fazenda de seu avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva.

- (16) Vitória, a empregada de Luís da Silva, rouba o dinheiro que ele tinha enterrado no quintal para realizar seu grande sonho: viajar de navio com Ivo, seu amante.
- (32) Marina não resistiu ao charme de Julião Tavares porque este, apesar de pobre, era um homem bonito, distinto e muito gentil.
- (64) Luís da Silva se lembra de José Baía – jagunço e assassino que trabalhava para seu avô Trajano – como um homem bom e sempre alegre.

- 18- Com base no conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- (01) Cansada da indiferença e das safadezas do marido, Dona Dionóra, juntamente com a filha Mimita, abandona Nhô Augusto para viver com seu Ovídio.
- (02) “Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua”, constitui a fala do Major Consilva a Nhô Augusto, quando este foi baleado pelo amante da mulher.
- (04) Disposto a lavar a honra com sangue, Augusto Matraga deixa a vida de jagunço e vai morar com um casal de pretos, com o objetivo de aprender os mistérios da macumba.
- (08) Ao descobrir que a filha e a esposa, rejeitadas, viviam da prostituição, Nhô Augusto mata Quim Recadeiro, que lhe trouxera a má notícia.
- (16) Contraditoriamente, o reencontro de Augusto Matraga consigo mesmo é revelado na luta mortal que encerra o conto.
- (32) A luta final de Nhô Augusto com Seu Joãozinho Bem-Bem constitui a verdadeira “hora e vez” de Augusto Matraga.
- (64) Ao contrastar o bem – representado pelo Major Consilva – e o mal – representado pelo casal de pretos –, o autor faz uma alegoria do mundo do sertão.

- 19- Embora a tradição rural da fazenda, a presença da infância e da adolescência, a vida familiar e o resgate do passado estejam presentes nos poemas que compõem *Boitempo I* e *Boitempo II*, de Carlos Drummond de Andrade, o poeta acentua a distância existente entre o vivido e o lembrado, o passado e sua recuperação através da memória.

Assinale o(s) excerto(s) que confirma(m) este distanciamento entre o vivido e o lembrado.

- (01) *Estes cavalos fazem parte da família
e têm orgulho disto.
Não podem ser vendidos nem trocados.
Não podem ser montados por qualquer.*
- (02) *Bate na vaca, bate
Bater até que ela adote
a cria da vaca morta
como sua cria morta.*
- (04) *Por trás da porta hermética
a sala de visitas
espera longamente
visitas.*

- (08) *De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo do existido.*
- (16) *É o automóvel de Chico Osório
é o anúncio da nova aurora
é o primeiro carro, o Ford primeiro
é a sentença do fim do cavalo
do fim da tropa, do fim da roda
do carro de boi.*
- (32) *Nesta mínima cidade
os moços são disputados
para ofício de marido.*
- (64) *Está filmando
seu depois.
O perfil da pedra
sem eco.
Os sobrados sem linguagem.
O pensamento descarnado.*



20- Com base no poema abaixo, de Adélia Prado, assinale a(s) alternativa(s) procedente(s).

O Poeta Ficou Cansado

*Pois não quero mais ser Teu arauto.
Já que todos têm voz,
por que só eu devo tomar navios
de rota que não escolhi?
Por que não gritas, Tu mesmo,
a miraculosa trama dos teares,
já que Tua voz reboa
nos quatro cantos do mundo?
Tudo progrediu na terra
e insistes em caixeiros-viajantes
de porta em porta, a cavalo!*

*Olha aqui, cidadão,
repara, minha senhora,
neste canivete mágico:
corta, saca e fura,
é um faqueiro completo!
Ó Deus,
me deixa trabalhar na cozinha,
nem vendedor nem escrivão,
me deixa fazer Teu pão.
Filha, diz-me o Senhor,
eu só como palavras.*

- (01) Aludindo à figura de um caixeiro-viajante, a poeta metaforiza seu pavor em relação ao passado e à falta de progresso.
- (02) O poema tematiza a religiosidade ingênua, característica das domésticas, cozinheiras, incapazes de entender a sedução da magia.
- (04) A ironia subjacente ao poema pode ser percebida no diálogo prosaico, imaginado pelo eu-lírico, em sua fala com Deus.
- (08) Como os caixeiros-viajantes, o eu-lírico deseja possuir canivetes mágicos para enfrentar a violência do mundo.
- (16) A sacralização do banal, a mistura do prosaico e do sublime e a proximidade com o religioso – presentes no poema – são temas característicos de Adélia Prado.
- (32) O poema aborda o cansaço em relação à necessidade de engajamento poético-missionário.
- (64) O poema de Adélia Prado, de acordo com a tendência de dialogar com outros textos, parodia o poema “Estou Farto do Lirismo” de Manuel Bandeira.



